

The background features a repeating pattern of stylized human figures in various poses, each standing on a light-colored circular base. The figures are rendered in a flat, illustrative style with muted colors. A large, dark green rectangular frame is superimposed over the upper portion of the image, containing the main title text.

# **ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

The background of the cover features a repeating pattern of stylized human figures in various poses, each standing on a light-colored circular base. The figures are rendered in shades of gray and white, creating a sense of a diverse group of people. The overall aesthetic is clean and modern.

# **ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)**

**Atena**  
Editora

**Ano 2020**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro

Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte**

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão**

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores

pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Estética e política nas ciências sociais aplicadas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Luciana Pavowski Franco Silvestre

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79 Estética e política nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-212-8

DOI 10.22533/at.ed.128202707

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta através do e-book “Estética e Política nas Ciências Sociais Aplicadas” vinte e quatro artigos com pesquisas que contribuem para a identificação, análise e reflexão sobre as relações existentes entre os aspectos territoriais, produção industrial e desenvolvimento tecnológico com as formas de vida em sociedade, permitindo a identificação dos impactos causados nesta.

Através das pesquisas em que se aborda o território, é possível identificar uma amplitude de relações estabelecidas com fatores como processos migratórios, barreiras, fronteiras, políticas indigenistas, violência pobreza e cidadania.

A tecnologia aparece como objeto de estudo para análise de crimes transfronteiriços e processos de gestão pública, identificando-se as possibilidades de processamento de informações e tomadas de decisão.

Otimização e competitividade aparecem como elementos centrais nas pesquisas voltadas para os processos industriais e produção de mercado. A partir de metodologias que envolvem consumidores e gestores enquanto sujeitos do processo de pesquisa, estas estabelecem relações também com os aspectos territoriais e tecnológicos, identificando-se a interdisciplinaridade entre as pesquisas que compõem o e-book que se apresenta.

Esperamos que o e-book possa contribuir com o compartilhamento das pesquisas realizadas, fortalecimento da ciência como instrumento de democratização do conhecimento, bem como, que favoreça a realização de novos estudos e desvelamento da realidade.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| A “GRANDE CORUMBÁ” E OS DESAFIOS DOS CRIMES TRANSFRONTEIRIÇOS EM FACE DAS NOVAS FERRAMENTAS VIRTUAIS  |           |
| Manix Gonçalves dos Santos<br>Marcos Sérgio Tiaen<br>Luiz Gonzaga da Silva Junior   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027071</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>15</b> |
| A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO NACIONAL NO BRASIL: IMIGRANTES ALEMÃES E ESCOLARIZAÇÃO NO SUL DO BRASIL   |           |
| Samuelli Cristine Fernandes Heidemann<br>Regina Coeli Machado e Silva   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027072</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>27</b> |
| BARREIRAS NA PAISAGEM DA CIDADE : A AVENIDA FARRAPOS E O QUARTO DISTRITO  |           |
| Simone Back Prochnow<br>Silvio Belmonte de Abreu Filho  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027073</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>41</b> |
| ATIVIDADE PESQUEIRA NOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA A PARTIR DA COMPARAÇÃO DA PESCA EM DUAS COLONIAS DE PESCADORES NO ESTADO DO TOCANTINS   |           |
| Lilyan Rosmery Luizaga de Monteiro<br>Adolfo da Silva-Melo  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027074</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>54</b> |
| GUERRA DE BAIXA INTENSIDADE E SUA DIMENSÃO ADMINISTRATIVA: REGIME TUTELAR E A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA EXPLÍCITAS NOS RELATÓRIOS FIGUEIREDO E COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE |           |
| Ramiro Esdras Carneiro Batista<br>Daniel da Silva Miranda<br>Izaionara Cosmea Jadjesky  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027075</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>65</b> |
| O AUMENTO NO NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM ALTAMIRA COMO A MATERIALIZAÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE  |           |
| Márcio Teixeira Bittencourt<br>Germana Menescal Bittencourt<br>Gilberto de Miranda Rocha<br>Peter Mann de Toledo  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1282027076</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>76</b> |
| O MEDO SOCIAL DA VIOLÊNCIA EM RAZÃO DA TRAVESSIA DA FRONTEIRA ENTRE OS BAIRROS JARDIM IRACEMA E PADRE ANDRADE   |           |
| Adriana Carvalho de Sena  |           |

Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio

**DOI 10.22533/at.ed.1282027077**

**CAPÍTULO 8 ..... 82**

OBRIGATORIEDADE DE CONEXÃO SIMULTÂNEA ÀS REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA E ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Claiton Barbosa

Agnes Bordoni Gattai

**DOI 10.22533/at.ed.1282027078**

**CAPÍTULO 9 ..... 90**

REPRESENTATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM GOIÁS: ESTUDO SOBRE OS TERRITÓRIOS RURAIS E DE CIDADANIA DE GOIÁS

Mateus Carlos Baptista

Divina Aparecida Leonel Lunas

**DOI 10.22533/at.ed.1282027079**

**CAPÍTULO 10 ..... 98**

POBREZA: PERCEPÇÕES ESTÉTICAS, POLÍTICAS, RELIGIOSAS E ECONÔMICAS DO SER E TER

Eliseu Riscaroli

**DOI 10.22533/at.ed.12820270710**

**CAPÍTULO 11 ..... 115**

PRIORIZAÇÃO DE LOCAIS DE COLETA PARA ISOLAMENTO DE BACILLUS ANTHRACIS NA ANTÁRTICA POR PROCESSO DE ANÁLISE HIERÁRQUICA

Luiz Octávio Gavião

Adriana Marcos Vivoni

**DOI 10.22533/at.ed.12820270711**

**CAPÍTULO 12 ..... 131**

BENEFÍCIOS SOCIAIS NA PLATAFORMA GOVDATA: O USO DA CORRELAÇÃO DE DADOS COMO CRITÉRIO DE TOMADA DE DECISÃO NO SETOR PÚBLICO

Francisca Alana Araújo Aragão

Pablo Severiano Benevides

**DOI 10.22533/at.ed.12820270712**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

DISPOSITIVO DE PROCESSAMENTOS DE DADOS: PLACA MICROCONTROLADORA THOMPSON

João Paulo Pereira dos Santos

Michell Thompson Ferreira Santiago

**DOI 10.22533/at.ed.12820270713**

**CAPÍTULO 14 ..... 151**

IMPLEMENTAÇÃO DE LEAN SIX SIGMA PARA MELHORIA DE PROCESSOS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES

Carlos Navarro Fontanillas

Eduardo Picanço Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.12820270714**

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>167</b> |
| INDÚSTRIA 4.0 E MANUFATURA ADITIVA: UM ESTUDO DE CASO COM OS CONSUMIDORES DE CALÇADOS PRODUZIDOS NAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE JUAZEIRO DO NORTE |            |
| José de Figueiredo Belém   |            |
| Célio Monteiro Santos  |            |
| José Eduardo de Carvalho Lima  |            |
| Murilo Barros Alves  |            |
| Josiano Cesar de Sousa   |            |
| Mirim Borchard   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270715</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>178</b> |
| PROCESSO MANUAL DE RASTREABILIDADE DE PRODUTOS UHT EM UMA INDÚSTRIA DOS CAMPOS GERAIS  |            |
| Loren Caroline Domingues de Medeiros   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270716</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....   | <b>184</b> |
| SISTEMA JAPONÊS DE PRODUÇÃO COMO UM FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA                             |            |
| Jéssica Pereira Soares   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270717</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....   | <b>196</b> |
| SUCESSÃO FAMILIAR: OS DESAFIOS AO LONGO DAS GERAÇÕES   |            |
| Adriano Pereira Arão   |            |
| Lucilia Notaroberto  |            |
| Sabrina Pereira Uliana Pianzoli  |            |
| Mônica de Oliveira Costa   |            |
| Farana de Oliveira Mariano   |            |
| Alex Santiago Leite  |            |
| Dyego Penna Carvalho   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270718</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>206</b> |
| BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA NA ÁREA DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA                            |            |
| Maria Aparecida de Souza Melo  |            |
| Bruna Moraes de Melo   |            |
| Patrícia Lima  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270719</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....   | <b>215</b> |
| CORPOREIDADE E IDENTIDADE RACIAL DE PROFESSORAS NEGRAS: O SER E O SABER NA PRODUÇÃO DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS                        |            |
| Michele Lopes da Silva Alves   |            |
| Carmem Lúcia Eiterer   |            |
| Luiz Alberto Gonçalves   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270720</b>  |            |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 21</b> .....   | <b>228</b> |
| CROWDFUNDING: UMA ANÁLISE DO FINANCIAMENTO COLETIVO NO BRASIL                                |            |
| Letícia Moraes Silveira  |            |
| Melissa Dotto Brusius  |            |
| Fernanda Silveira Roncato  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270721</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 22</b> .....   | <b>241</b> |
| O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO E A TEORIA SOCIOLÓGICA: MAX WEBER E AS ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS |            |
| Jordana de Moraes Neves  |            |
| Rafael de Oliveira Wachholz  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270722</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 23</b> .....   | <b>251</b> |
| RELIGIÃO, ESFERA PÚBLICA E O PROBLEMA POLÍTICO: UMA CONTRIBUIÇÃO HABERMASIANA                |            |
| Edson Elias Moraes   |            |
| José Geraldo Alberto Bertoncini Poker  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270723</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 24</b> .....   | <b>276</b> |
| RENDA BÁSICA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO EMPREGO EXPLORATÓRIO                              |            |
| Jônatas Rodrigues da Silva   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.12820270724</b>  |            |
| <b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....  | <b>289</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....  | <b>290</b> |

## CORPOREIDADE E IDENTIDADE RACIAL DE PROFESSORAS NEGRAS: O SER E O SABER NA PRODUÇÃO DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS

Data de aceite: 01/07/2020

**Michele Lopes da Silva Alves**

FAE/UFMG e IFPI-Cocal

BH/MG & Cocal/PI

<http://lattes.cnpq.br/6752989442921969>

**Carmem Lúcia Eiterer**

FAE-DMTE/UFMG

BH/MG

<http://lattes.cnpq.br/9905263965506713>

**Luiz Alberto Gonçalves**

FAE-DECAE/UFMG

BH/MG

<http://lattes.cnpq.br/5887145600907673>

**RESUMO<sup>1</sup>:** A corporeidade afro-brasileira negra de professoras quando se posiciona e se apresenta de forma consciente e proposital, nas escolas, pode contribuir para evidenciar o corpo negro, invisibilizado pelo racismo estrutural, e como a escola se organiza e desenvolve a formação de pessoas. Formação de processos de ensino-aprendizado de conhecimentos acumulados que tratam das dimensões da colonização e, às vezes, da naturalização do racismo, provocando interferências significativas

nas relações estabelecidas de reeducação das relações étnico-raciais. Diante disso, este trabalho visa refletir sobre como a corporeidade afro-brasileira negra, presente nas escolas de forma consciente e proposital, pode ser compreendida como uma proposta educativa e configurativa de uma pedagogia antirracista. Tratamos da percepção dessa corporeidade na perspectiva das relações raciais e de gênero, por supor que há um processo de construção e criação do Ser. Essas reflexões são oriundas de uma pesquisa de doutorado, em realização na Faculdade de Educação da UFMG. Parta tanto, a pesquisa se vale de narrativas temáticas e episódicas, fotos e símbolos para analisar tal corporeidade e Ser. São corpos marcados por vivências e desigualdades socioculturais, que reivindicam como necessária a reparação histórica por ações de combate ao racismo e que sejam antirracistas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pedagogia Antirracista; Corporeidade; Identidade Racial; Professoras Negras.

1. Este artigo é uma versão atualizada da primeira publicada em 2019, pela 8ª SBECE – Canoas/RG. Essa versão foi atualizada conforme o estágio em que se encontra a pesquisa tratada, bem como, acréscimos pertinentes à primeira parte do texto.

## BLACK TEACHERS' CORPOREITY AND RACIAL IDENTITY: ON BEING AND KNOWING FOR AN ANTI-RACIST PEDAGOGY CONSTRUCTION IN THE SCHOOLS

**ABSTRACT:** The black Afro-Brazilian teachers' corporeity when is positioned and is shown in a conscious and purposeful way, in the schools, can contribute to highlight the black body, made invisible by the structural racism, and how the school gets itself organized to develop people instruction. Development of teaching-learning processes from knowledge gathered on colonization and, sometimes, on the naturalization of racism, bringing about meaningful interferences in the established relationships for the reeducation of the ethnic-racial ties. So, this work aims to reflect on how the black Afro-Brazilian corporeity, inside the schools in a conscious and purposeful way, can be understood as an educational and configurative proposal for an anti-racist pedagogy. We study the perception of this corporeity from the racial and gender ties perspective because a construction and creation of a human being are supposed to. Those reflections come from Doctoral research, that has been carried out at the Educational College of UFMG. Therefore, the work has searched episodic and thematic narratives, pictures and symbols in order to analyze this corporeity and Human Being. They are marked bodies by experiences and socio-cultural inequalities, that claim as necessary the historic redress against the racism by means of anti-racist actions.

**KEYWORDS:** Anti-racist Pedagogy, Corporeity, Racial Identity, Black Teachers.

### 1 | INTRODUÇÃO:

A escolarização se faz, sobretudo por meio das relações estabelecidas entre professorxs<sup>2</sup> e estudantes. Relações estabelecidas pelos corpos e seus atravessamentos presentes nas escolas. Tendo isso em vista, a Lei 10.639/03, que alterou a LDBEN – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – estabelece o ensino obrigatório de História e Cultura de África/Afro-brasileira, há 16 anos e enfatiza, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais – DCNERER – um trabalho crítico, reflexivo e ético no trato das mesmas relações, mais justo e democrático. E é por isso que tal Lei é considerada uma grande conquista dos Movimentos Negros, de Mulheres Negras e do Feminismo Negro, efeito de suas demandas e combate ao racismo. É também considerada uma conquista para a democracia da sociedade brasileira. Segundo Nilma Gomes (2017), as ações antirracistas desses movimentos tencionam as bases das relações sustentadas no mito da democracia racial, instigando a construção de outras formas de convivência para o enfrentamento das desigualdades. Essa mesma Lei propõe outras perspectivas de trabalho sobre as relações raciais que ocorrem e são construídas dentro da escola, considerando os corpos negros e brancos, que circulam, sentem e se constituem como seres, ora por meio de um processo visível de regulação, ora de forma invisível por não reconhecer quem são os sujeitos desses corpos, suas identidades, cor,

---

2. O uso da letra "X" na escrita ocorre para contemplar os dois gêneros quando o substantivo for comum de dois gêneros.

raça, etnias e gênero. Porém, a escola, por vezes, quando aborda a existência desses corpos, a faz de forma depreciativa e de domesticação, resultando em aprendizagens de linguagem verbal e simbólica (via os gestos, olhares, relações de repreensão) que tentam ditar um “devir” do ser. Molda os corpos para serem adequados a esse espaço, suas regras e seus currículos (LOURO, 2013).

O corpo é político e alvo de disputas e relações de poder. Além de se configurar por diferenças físicas – fenotípicas, também carrega consigo as distintas culturas, histórias e políticas com dimensões advindas da colonização e das violações do ser.

Diante disso, este trabalho busca refletir sobre a corporeidade das professoras negras no contexto escolar, porque essas são as responsáveis pelo processo de formação, de escolarização e das relações estabelecidas nas escolas. Essas professoras negras estão deslocadas dos lugares predeterminados pelo racismo na sociedade e, seus corpos negros no contexto escolar, são por si insurgentes, ainda mais se são professoras concursadas a ocupar profissão e carreira pública.

O artigo, portanto, refletirá sobre em que medida o fenômeno da corporeidade docente etnicorracial, presente nas escolas, pode ser compreendido como proposta de Pedagogia Antirracista. Ele é fruto do projeto de pesquisa de doutorado, denominada: “A autoafirmação da Corporeidade Afro-brasileira Negra por professoras negras da Rede Pública do Município de Contagem: o Ser no contexto escolar”, vinculado ao curso de Pós Graduação: Educação, Conhecimento e Inclusão Social, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG. Tal projeto foi aprovado, em Maio de 2019, pelo Colegiado da Pós e enviado à Comissão de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da UFMG, para que a pesquisa, iniciada por estudos teóricos e reflexivos, se complemente no campo empírico em Agosto de tal ano.

A pesquisa recorrerá a instrumentos de análise de fenômenos relativos à corporeidade e à descrição da percepção do corpo como ícone de pertencimento a um grupo, lugar. Visamos discutir a forma como essa se apresenta – performance, compreendendo como ocorre na construção das relações de interação e de convivência. Utilizaremos entrevistas narrativas temáticas e episódicas, coletas e produções de dados acerca da corporeidade. A pesquisa tem como foco as professoras negras cujos corpos marcados por vivências e por desigualdades socioculturais, podem ser identificados com os grupos que reivindicam como necessária a reparação histórica, por ações educativas de combate ao racismo e de formação de relações produtoras de pessoas antirracistas.

O racismo é uma ideologia, estruturada por instituições políticas de poder, do conhecimento, da legislação, baseadas na concepção eurocêntrica da existência de raças, superiores ou inferiores, humanas e não humanas (MUNANGA, 2005). Essas raças superiores foram legitimadas legal e cientificamente, por mecanismos e práticas sociais de dominação, violação dos direitos, negação da humanidade e da diversidade cultural dos povos negros (CASTRO-ALVES, 2007). O racismo é todo um sistema que perpetua e



sustenta que haja diferenças entre pessoas negras e brancas, sendo essas últimas sendo contempladas quanto aos direitos e privilégios que os permitem estarem em vantagem contínua à população negra, cujos direitos são restritos e precários ou quase inexistentes, buscando formas de sobrevivência para existir.

Entretanto, a corporeidade docente etnicorracial nas escolas, consciente e proposital, pode estar a evidenciar o corpo negro, que o racismo estrutural buscou ao longo dos anos invisibilizar e negar, principalmente no modo como a escola organiza e desenvolve a formação de pessoas, pelas quais os corpos concretos se manifestam e são percebidos por relações nas quais as diferenças de sexo, cor e pele são definidas. Segundo Bruno Martins (2016), entende-se como corporeidade os princípios e as ideias do corpo vivido e do corpo sujeito, via o pensamento do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), “o princípio da verdade que se define e evidencia no mundo vivido e pela experiência vivida, porque o corpo não é, sem uma mulher, sem um homem, sem história ou lugar” (MARTINS, 2016). A corporeidade é a forma de ser e estar desperta para o mundo e objetos, nos quais nossas experiências de sentir, conhecer e atuar estão inseridas e substanciadas pela consciência. A consciência não somente de ser, mas o quê e como se pode Ser. Dizer, saber e ser “eu posso” e não mais “eu penso”, nos sugere um passo imediato como ação no mundo e passos para o existir.

Tratamos da percepção da corporeidade etnicorracial de professoras, na perspectiva das relações raciais, por supor que há um processo de construção e criação pela reconstrução radical do Ser, via os saberes que as constituem professoras negras. Essa corporeidade docente etnicorracial pode, se consciente, manifestar-se como proposta pedagógica promissora e pertinente à reformulação da formação humana e cidadã dos sujeitos envolvidos no âmbito da escolarização. Isso porque pode forçar o aprender a lidar com essa corporeidade perceptível, não mais silenciada, não invisível e sim afirmada, que se apresenta pela “autoridade” docente.

Entretanto, Rita Basso, Thais Scheuer e Bruna Marques (2018) apontam que os corpos das professoras, no contexto de instituições de ensino são inexistentes na íntegra, sendo perceptíveis ora por partes fragmentadas, ora por representações do ser professora como dócil, amorosa, mãe, cuidadosa e assexuada. O que “anula automaticamente e sobrepõem” as figuras das mulheres, extinguindo seus corpos e diferenças que têm. Algo incoerente e que merece mais investigação se considerarmos os dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2018, apresentado pelo INEP<sup>3</sup>, reveladores de que: “mais de 2,2 milhões de professores dão aulas na Educação Básica Brasileira e a grande maioria é formada por mulheres. Cerca de 80% dos docentes são do sexo feminino”. (IPEA, 2018, p.15) O Censo ainda afirma que predominantemente o Ensino Fundamental e Médio (mesmo neste último havendo uma presença masculina maior) é constituído por mulheres professoras. Já em relação à Educação Superior, 10 mil professoras doutoras atuam em

3. Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

programas de Pós-graduação e são brancas, enquanto 2.019 são mulheres negras, sendo que perfazem um total de 0,4% mulheres pretas. Os dados são contundentes em reiterar que são as mulheres a predominar como professoras e que à medida que a escolaridade sobe o percentual de mulheres negras diminui, sendo ínfima a representatividade de professoras negras no curso superior.

Segundo Aline Martins (2019), se faz mister discutir o impacto do corpo negro feminino em espaços públicos, principalmente a escola, por ser um dos lugares onde se emprega o racismo e a crença meritocrática, além de compreender o corpo negro como uma ameaça à disciplina da escola, já que esse corpo sempre é enquadrado às mazelas da escola e não pela forma como é tratado e abordado seja no currículo, na prática docente e nas relações. Logo dentro do espaço escolar, o corpo feminino negro “é uma maioria em sala de aula, como ocorre em outras profissões como no Ensino Superior. O corpo negro é o corpo da exceção” (MARTINS, 2019, p.06). Os corpos negros inexistem ou quase não existem nos espaços públicos de poder. E mesmo sendo a escola, uma instituição pública, na qual a estabilidade profissional se faz por meio da conquista de passar, ser classificadx e nomeadx para um cargo e carreira pública, os corpos negros são distinguidos quando se trata das relações estabelecidas, pois recebe tratamento de distinção e subalternização entre seus pares de profissão, mesmo sendo à profissão docente. Se as professoras brancas são vistas de forma fragmentada ou pela dimensão de gênero, as professoras negras não são vistas e, quando essas são perceptíveis ou se impõem em percepção, é tratada com diferenças. Distinção essa feita até com hierarquia de categoria, pois a diferença de tratamento tende não ser a mesma para quem é negrx estudante ou profissional negrx de outras áreas, como a de manutenção da limpeza da escola. As práticas racistas são mais perversas quando são articuladas com a questão de “classe” e escolarização. Corpos negros atravessados pelas dimensões de raça, gênero e classe, segundo Ângela Davis (2016), são desvalorizados e precarizados nas condições de trabalho e nos direitos a serem reconhecidos e garantidos.

É preciso compreender os corpos como produções culturais e históricas, configuradas por tempos e espaços distintos e que se cruzam na configuração do ser, como no caso, das escolas. Neste sentido, a escola, como lugar de múltiplos espaços e tempos, pode suscitar o afirmar e o evidenciar de demais corporeidades etnicorraciais dos sujeitos da comunidade escolar, se se sentirem contemplados na representação que os fortalece, valoriza e humaniza suas identidades.

Este trabalho, diante disso, se estrutura por meio de três momentos reflexivos. O primeiro se faz de uma breve contextualização da produção dos corpos negros pela colonização e pelo racismo. O segundo discute as experiências do corpo vivido e histórico, como memória na produção de saberes corpóreos. E, por último, os saberes que incidem na performance da corporeidade etnicorracial docente, que podem ser propulsoras da pedagogia antirracista.

## 21 A PRODUÇÃO DE CORPOS NEGROS PELA COLONIZAÇÃO: RACISMO, MOVIMENTOS NEGROS E IDENTIDADE

É pelo corpo que nos fazemos presentes em materialidade física no mundo. Percebendo o corpo como fenômeno social, cultural e político, como manifestação que se interpreta com o recurso de significados simbólicos; não há como ignorar que este, historicamente, se torna alvo de disputas e relações de poder (MARTINS, 2000). No campo cultural, diferenças físicas podem assumir significados que carregam consigo distinções históricas, políticas e, também, possibilidades contra hegemônicas de rupturas. Os corpos reconhecidos como elemento da colonização, expressam formas de violência e de subjugação, advindas do racismo, sobretudo na América Latina. Não por fortuito, no processo de colonização, os corpos negros sofreram a violência física e simbólica da negação do seu ser e suas culturas submetidas a violações, as injustiças, a opressão e a dominação. Foram e são processos de desumanização, culminados pelo racismo ocidental. Os corpos negros definidos e marcados por suas diferenças fisiológicas e culturais justificaram a violência colonial, produzindo como justificativa: o racismo (CASTRO-ALVES, 2007).

Segundo Aníbal Quijano (CASTRO-ALVES, 2007), raça e identidade racial foram estabelecidos como instrumentos básicos de dominação social e cultural, nas conquistas impostas, como no caso das Américas, construindo as populações negras e indígenas como subalternas. Entretanto, em concomitância com a construção da América Latina sob a égide do racismo, também se encontrava o Continente Africano, berço da civilização humana, marcado pela diáspora decorrente do sequestro de milhões de mulheres e homens africanos, no período do escravismo. Tendo em vista tal Continente, segundo Ochy Curiel (2007), a proposta política de análise do colonialismo e do racismo, como vetores fundamentais do capitalismo e da modernidade ocidental, articulam relações econômicas aos pensamentos e valores eurocêntricos. Segundo essa autora, a colonização tratou de naturalizar formas de controle e regulação eurocentradas de territórios e recursos, pela articulação política e geográfica ao constituir raça como:

relación colonial com base em el capital-trabajo que da lugar a classes sociales diferenciadas, racializadas y distribuidas por el planeta. (...) **Así mismo, destaca el cuerpo como espacio donde se ejerce la dominación y explotación y las relaciones de género que se impulsieran desde esta visión de libertade sexual de los varones, fidelidad del mujeres**, prostitución no pagada esquemas familiares burgueses, todo ello fundado en la clasificación racial.” (CURIEL, 2007, p.94 – destaques meus)

Curiel (2007) recorre à contribuição do movimento feminista negro porque esse há muito tempo tem trazido para o debate político mais amplo, temas que são fundamentais para as mudanças com vistas à descolonização de formas persistentes de produção do conhecimento acadêmico androcêntrico. O conceito de raça, assim como o de gênero, portanto, são construções históricas, socioculturais e políticas passíveis de diferentes

interpretações teóricas.

Nilma Gomes (2005) considera que os Movimentos Negros, ao reinterpretarem o conceito de raça, o inseriram no contexto das relações raciais-sociais e da construção das identidades negras ressignificadas por um processo de reeducação da população, da reeducação de corpos proporcionada por esses movimentos, sobretudo de mulheres negras. Considerando Kabenguele Munanga (2002) e Stuart Hall (2012), podemos dizer que a identidade negra é um processo de autoidentificação coletiva e individual, dinâmica e marcada de deslocamentos dessa em múltiplas identidades culturais. Ela se faz da conexão entre o “‘interior’ e o ‘externo’, entre o mundo pessoal e o mundo público”, numa constituição móvel, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados, interpretados nos sistemas culturais” (HALL, 2012, p.03). Isso de tal modo que, os momentos diferentes e contraditórios impulsionam identidades possíveis de coexistirem, gerando sentimentos, significados e sentidos atribuídos ao pertencimento de grupo e suas diferenças. Para tanto, compreendemos a formação identitária negra como processo histórico e advindo de grupos organizados, no caso os movimentos negros, que buscam construir uma identificação coletiva apropriada na particularidade do ser como sujeito social.

O movimento negro enquanto sujeito político produz saberes, discursos, “reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados” (GOMES, 2017, p.47). Isso, tendo como base a interação, a integração, o nomear conflitos, o interpretar as transformações sociopolíticas antagônicas ocorridas no decorrer das lutas por direitos, identidades, reconhecimento e dignidades; que não podem ser restritas de forma simplista ao combate ao racismo. Esse movimento se torna educador, na interpretação crítica de Gomes (2017), ao entender suas ações políticas e práticas de luta como construtos de novos significados e propostas sociopolíticas, não só em benefício da população negra, que é a razão de existir, mas para toda a sociedade na busca pela redução das desigualdades, sobretudo a racial.

Diante disso, os corpos negros, constituído desses saberes de lutas e de vivências corpóreas, ao constatarem as formas de forjá-los como subalternos e subjugados, se afirmam na dimensão de corpos que se reinventam, resistem e lutam. Destarte, se os corpos sofrem os resíduos da colonização, também lutam para se descolonizarem.

### **3 | EXPERIÊNCIAS DO CORPO VIVIDO E HISTÓRICO COMO MEMÓRIA NA PRODUÇÃO DE SABERES ESTÉTICOS CORPÓREOS**

Para Leda Martins (2000) e Martins (2016), o corpo é compreendido como lugar de memória e história. Tendo a matéria com que todas as pessoas podem gerar uma

memória, construída por vivências corpóreas, por aquilo que proporciona seja no âmbito da satisfação, do prazer, seja no de dor e sofrimento, daquilo sublimado ou recalçado, como da liberdade de criar possibilidades de ser negro. Ambos os autores nos conduzem a ver o corpo como memória que não é gerada pelo cognitivo e tampouco pelo raciocínio da razão. Mas pelos estímulos corpóreos que a mente recebe das acuidades do sentir, da emoção, do tocar, aguçados pelo cheiro e odor, paladar e amargor das experiências do corpo vivido, que constituem as vicissitudes da vida negra. Lugar em que a memória também envelhece ou se renova a cada momento que o marca pelas histórias vividas.

Na constituição dos cenários, de paisagens da cultura brasileira, Martins (2000) aponta que há vários cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, que fortalecem o acervo dos corpos como lugares de memória, ao passo que se esses sofrem com o racismo, também o combatem e se libertam. Corroborando com esse autor, Gomes (2017) aponta que os corpos negros são:

livres para agir, mover, contestar, vibrar, sonhar, resistir, lutar e ter prazer. **Constituem-se saberes** que interferem com a monocultura do corpo e do gosto estético, provocado por práticas pedagógicas outras da diversidade corpórea negra. Geram “outras, lógicas corpóreas construídas pelos grupos não hegemônicos nos seus diferentes contextos e nas relações de poder” (GOMES, 2017, p.81 – destaque meu).

Tendo em vista os saberes produzidos pelos corpos, Martins (2000, p.82) complementa e ressalta que existem palavras pronunciadas pelo corpo, não pela linguagem verbal e tampouco nas escritas sobre os mesmos. Elas emergem de um processo amplo, que opera sobre “uma situação existencial que altera de algum modo à totalidade que engaja os corpos participantes.” A palavra corpórea faz-se linguagem por expressar e exteriorizar um processo de síntese que integra e intervêm elementos de constituição do sujeito. Assim, faz-se mister averiguar como os movimentos, os gestos, os toques, os olhares, o corpo em sua íntegra, expressam um falar corpóreo que comunica, critica, repudia e, às vezes, grita nos entrecruzamentos de trânsitos das performances corporais no âmbito escolar, pela corporeidade etnicorracial das professoras negras. Essa corporeidade pode gerar palavras e saberes estéticos corpóreos significativos nas relações estabelecidas nesse recinto, se tais professoras ao se autoafirmarem por uma identidade racial de pertencimento coletivo, somarem os saberes formativos de docência aos de suas experiências corpóreas e de lutas, fazendo parte da constituição do ser expresso em seus corpos.

Para tanto, algumas reflexões são construídas para entender a possibilidade dessa corporeidade docente etnicorracial como Pedagogia Antirracista: como seria a performance da corporeidade etnicorracial no âmbito escolar? Que linguagem esta a proferir? O que quer comunicar? Consegue interagir, criar conexões, associações ou romper com paradigmas do que deveria ser, já que há estereótipos produzidos pela violência colonial, nas relações tóxicas do racismo? Essa corporeidade performática relacional consegue se fazer e ser percebida pelo seu campo político? A corporeidade etnicorracial, no âmbito da escola e

das relações, consegue apresentar e instaurar sua performance política de identidade, de pertencimento? Se há saberes estéticos corpóreos na intencionalidade da autoafirmação de uma identidade negra, pela corporeidade e estética, ao se relacionar com outras corporeidades, podem produzir conhecimentos performáticos corpóreos? Podem produzir conhecimentos imbuídos de memórias ancestrais que podem ser vistos como práticas de pedagogias antirracistas? São perguntas que a pesquisa buscará respostas.

Não obstante, quando o assunto é corpo, cabelo e educação, visando compreender como professores e estudantes pensam, lidam e como esses são trabalhados na profissão docente e nas escolas, sejam pelos estudantes sejam pelas professoras negras, cujos corpos negros fazem parte da rotina do ensinar e aprender; de acordo **Gomes (2003) revela-se uma lacuna forte no campo da pesquisa em educação**. Já esse mesmo assunto é tratado por outras áreas como Antropologia, Sociologia e Psicologia por vários trabalhos preciosos, e por isso, a mesma autora ressalta a importância de estudiosos da educação se apropriarem deles.

#### **4 | SABERES DE INCIDÊNCIA DA CORPOREIDADE ETNICORACIAL DOCENTE COMO POSSÍVEL PEDAGOGIA ANTIRRACISTA**

Segundo Gomes (2002), os cabelos crespos e o corpo negro são considerados as expressões simbólicas ícones da identidade e estética negra no Brasil, pois juntos fomentam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão intrínseca da população negra. Assim constituem saberes de resistência e reexistência oriundas das lutas dos movimentos: negro, de mulheres negras e feminismo negro.

Martins (2000) diz que a estética corpórea negra é valiosa para os povos africanos, ao distinguir e demarcar a vastidão de nações que existem nos 56 países de África, porque o “corpus” é a memória dos hiatos resultantes da diáspora que também gera saberes singular. Gomes (2003, p.07), afirma que o entendimento do contexto do corpo o revela: “como suporte de construção da identidade negra, que ainda não tem sido uma temática privilegiada pelo campo educacional, principalmente pelos estudos sobre formação de professorxs e diversidade étnico-cultural”.

Segundo Ivanilde Mattos (2009), os povos afro-brasileiros descendentes dos povos africanos possuem uma memória maculada pelo escravismo, forjada na estética de objetificação dos corpos comercializados. “Os corpos dessas pessoas, antes de serem colocados à venda como objetos, recebiam banho de óleo para que ficassem brilhantes, ressaltando-lhes o porte físico. (...) A história do povo é carregada de emoção e revolta” (MATOS, 2009, p.33-34). O corpo negro não aceito em sua estética de descendência africana sofre discriminações devido à idealização forjada, eugenista, da hegemonia branca como padrão de beleza. A população negra brasileira sofreu e sofre com os

estereótipos de construção da estética negra de forma pejorativa, cerceando inclusive a inserção no mercado de trabalho, pela sutil discriminação racial do “perfil adequado de trabalho”, mas cria outros saberes estéticos na insurgência.

Martins (2000), ao tratar a estética como elemento muito simbólico aos grupos negros, aponta que o âmbito cultural se resulta terapêutico para os sujeitos e a comunidade, porque se configura em instrumentos que transbordam cultura, envolve e interage com o contexto social, influenciando todo o ambiente por performances de apresentar e representar suas sobrevivências. Segundo a autora, “as dinâmicas de interação com a sociedade tornam-se, esteticamente, mais desafiadoras e completas” (MARTINS, 2000, p.08) porque se metamorfoseiam para sobreviver. O pensamento da autora nos conduz a refletir também sobre como a corporeidade afro-brasileira negra, ao se afirmar por uma estética permeada de símbolos tanto na forma de vestir e se adornar, quanto na forma de cuidar e arrumar os cabelos afros pode evidenciar momentos de metamorfoses de existir, resistir como saberes. Isso, para que a cultura afro-brasileira sobreviva e possa ser também um campo terapêutico, para que nela se descubra ou garanta o viver.

O corpo em sua performance e existência, revisa o passado e se constrói no presente, tecendo expectativa futura, criando novos conhecimentos para “devir”. A performance do existir é a “ação restaurada daquilo que pode ser repetido”, ensaiado, e recriado. A persistência da memória coletiva através de uma ação restaurada, representa uma forma de conhecimento potencialmente alternativa e contestatória – conhecimento corporal, hábito, costume.” (SCHECHENER, 1995, p. 45-47 in.: MARTINS, 2000, p.81).

É possível, portanto, buscar a compreensão de como as professoras negras pensam e lidam com suas corporeidades, expressas nas subjetividades corpóreas, no contexto escolar. Subjetividades entendidas como vivências e experiências corpóreas, que falam de vivências incorporadas por traumas ou situações significativas, que ultrapassaram a vulnerabilidade corpórea vivida, imaginada, estereotipada, ignorada, representada e violada (MARTINS, 2005).

Nesta perspectiva é possível antecipar que haja professoras negras que ao se afirmarem nos espaços educativos através de uma corporeidade etnicorracial com estética afro, estejam a provocar existências corpóreas positivas que tencionam as relações estabelecidas. Relações que a pesquisa busca investigar via a corporeidade; é possível dizer que elas por si instauram uma Pedagogia Antirracista, ao não perpetuarem a hegemonia eurocêntrica de branquitude. Os conhecimentos estéticos corpóreos sinalizam várias formas de ser e estar no mundo a partir da emancipação conquistada pelas ações antirracistas coletivas; corpos negros que desejam ser, por suas ancestralidades e negritude.

Enfim, a pesquisa ao trabalhar com professoras negras que se autoafirmam e se projetam pela corporeidade etnicorracial, recorrendo a uma estética, afirmativa, pode instigar o pensar sobre quais os aspectos que tal corporeidade causa, no âmbito das

escolas, como componentes de práticas antirracistas. Ou seja, a corporeidade afro-brasileira negra, de professoras negras, por si própria, pode impetrar uma pedagogia combativa e de enfrentamento ao racismo? Outras formas de estar no mundo, que conduzem a gerar outras possibilidades de sujeitos? Ou outros corpos constituídos de percepção própria por meio de suas realidades, tencionadores da realidade forjada como única e de lugares predeterminados para o povo negro? A racialização construída para dominar descendentes africanos diaspóricos como negros, pode ser combatida pela afirmação racial em si?

São problematizações feitas ao longo do projeto, na tentativa de encontrar caminhos possíveis em um campo de investigação da corporeidade docente.

## 5 | SÍNTESE DAS REFLEXÕES SOBRE A CORPOREIDADE DOCENTE ETNICORRACIAL

Buscou-se pensar e refletir sobre o ser como corpo-sujeito-vivido por uma subjetividade etnicorracial singular no mundo, expressado pela corporeidade etnicorracial de professoras negras, nas relações escolares, se pode por si construir uma pedagogia antirracista. Tendo em vista o panorama da colonização na produção dos corpos negros, na constituição da raça como formulação do racismo, espera-se que a pesquisa possa contribuir de alguma forma para evidenciar o tratamento dados aos corpos, a corporeidade etnicorracial via a estética e performance corpóreas de professoras negras, no âmbito escolar, a fim de valorizar as diferenças, mediar novas relações raciais, contempladas na Lei 10.639/03.

Espera-se que as professoras e demais segmentos da escola apresentem reflexões sobre seus corpos e corporeidades, entendendo-os como significativos construtos de aprendizagens sobre a realidade negra, e de outra forma de ser e estar no mundo como sujeito e coletivo. Sujeitos que ao atuarem e intervirem nessas realidades, como professoras, possam expressar o “dever” e o compromisso do trabalho docente, de uma proposta descolonizadora da racialização, antirracista, democrática, intercultural, da pluralidade e pelas diferenças culturais, até mesmo por suas dimensões corpóreas afirmativas.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

BRASIL, **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

BASSOS et al. As aprendizagens da docência: cadê o corpo da professora. In.: 7º SBECE/4º SIECI – Políticas de Ressentimento do medo e da raiva: reverberações na educação. Canoas, RS, 2017.

CARNEIRO, S. **História das mulheres negras e pensamento feminista negro**: algumas reflexões.



Fazendo Gênero, v. 8, 2008.

CASTRO-GOMES, Santiago. & GOSFOGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global.** Siglo el Hombre Editores, 2007.

CURIEL, Ochy. El Lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora. In.: *Perfiles do feminismo ibero-americano. Vol. 3. Buenos Aires: Catálogo, 2007* - disponível in <https://www.alainet.org/es/active/17389>

GOMES, Nilma L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, núm. 21- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa - v. 29, n.1. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O movimento negro educador saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2017.

GONÇALVES, Luiz A. Produção do conhecimento: Novas épistemês, novas rupturas. In: Kiamvu Tamo; Alexandre C. Pambo; Domingos G. N. Nzau. (Org.). **(Re) pensar a dimensão científica do conhecimento.** 1ª ed.- v. 1 Luanda/São Paulo: CAPATÊ, 2015.

INEP/MEC. **Notas Estatísticas – Censo Escolar 2017.** Brasília – DF, 2018.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo; tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós- estruturalista.** 15. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

MARTINS, Aline Correia. Daria a minha vida a quem me desse o tempo: pensando o corpo da negra e mulher no espaço público e escolar. In.: **Redoc – Revista, Docência e Cibercultura.** Editora Redoc - Rio de Janeiro, V. 3 0-n.3, p. 128. Set/Dez 2019. ISSN 2594-9004. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.45668>

MARTINS, Bruno S. **Corpo e racismo: do colonialismo à descolonização do humano. Conferência proferida para estudantes dos cursos de graduação da UFMG,** no CAD II - UFMG, 2016.

\_\_\_\_\_. Emancipação, Sul e Pós-colonialismo. In.: **Textos e Debates.** Coimbra: Revista Boa Nova, n. 27 – vol. 2. 2014 – p. 291 – 303.

\_\_\_\_\_. **Transgressão corporal e cegueira: representações dilacerantes.** Antropologia Portuguesa. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2006.

MARTINS, Leda M. A oralitura da memória. Maria Nazareth Soares (org.) **Brasil afro- brasileiro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000 – p. 61 – 86.

MATOS, Ivanilde G. **Estética afirmativa: o corpo negro e a educação física.** Salvador: EDUNEB, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis, (RJ): Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

VIEIRA. Francisco S. da S. **Descolonização dos saberes africanos**: reflexões sobre a história e cultura africana no contexto da Lei 10.639/03. Campinas: ponto-e-vírgula, n. 11. 2012 – p. 98 - 115.

SUART. Hall, **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000. 102 p.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arduíno 141, 142, 143, 144, 145, 150

### B

Bacia Hidrográfica 41, 44, 52, 53

Bacillus Anthracis 115, 116, 118, 129, 130

Big Data 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140

### C

Capitalismo 47, 105, 108, 138, 140, 188, 220, 226, 250, 255, 261, 265, 266, 276, 277, 278, 279, 288

Competitividade 156, 179, 184, 186, 187, 194, 195, 280

Conflitos Ambientais 66

Corporeidade 78, 79, 215, 217, 218, 219, 222, 223, 224, 225

Crowdfunding 228, 229, 230, 231, 232, 239, 240

Custo de Focalização 276, 283, 284, 285

### E

Economia Criativa 228

Eficiência na Produtividade 167, 169

Eletrônica Embarcada 141

Empresa Familiar 196, 198, 205

Escala de Avaliação 207

Esfera Pública 244, 245, 249, 250, 251, 253, 254, 256, 258, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 272, 274

Espaço Rural 90

Estética 2, 36, 99, 113, 223, 224, 225, 226

### F

Filosofia 24, 98, 99, 113, 155, 156, 246, 258, 260

Financiamento no Brasil 228

Fontes de Recursos 228

Fronteira 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 61, 63, 76, 77, 80, 240

### G

Gerações 196, 198, 200, 204, 280, 282, 286

GovData 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139

Governamentalidade Algorítmica 131

Guerra 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 115, 118, 130, 155, 184, 185, 186, 191, 192, 194, 262, 270

## H

Hidrelétricas 66, 67, 70, 74

Homicídios 65, 66, 68, 71, 72, 73

## I

Identidade Racial 215, 220, 222

Imigrantes 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 31

Indústria 4.0. Manufatura Aditiva 167, 291

## J

Jürgen Habermas 251, 254, 274, 275, 291

## L

Lean Six Sigma 151, 152, 291

Logística 45, 171, 173, 178, 291

## M

Modernidade 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 30, 40, 220, 227, 241, 242, 243, 245, 248, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 266, 267, 268, 269, 274, 291

## N

Nacionalização 15, 18, 19, 22, 23, 26

Notificação Compulsória de Doenças 207, 291

## P

Paisagem Urbana 28, 39, 291

Participação Política 90, 273, 291

Pedagogia Antirracista 215, 217, 219, 222, 223, 224, 225, 291

Pescadores Artesanais 41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 53, 291

Placa Microcontroladora 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 291

Pobreza 77, 81, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 277, 282, 283, 291

Polícia Civil 1, 2, 6, 11, 13, 291

Produtividade 41, 43, 45, 50, 93, 166, 167, 168, 169, 170, 189, 291

## **R**

Racionalidade Neoliberal 131, 291

Rastreabilidade 178, 179, 180, 181, 182

Redes 14, 49, 50, 53, 82, 83, 84, 85, 88, 97, 122, 142, 144, 149, 150, 271

Religião 99, 100, 101, 104, 105, 112, 114, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Renda Básica Incondicional 276, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 287

## **S**

Secularização 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 266, 268, 270, 271, 272

Sistema Japonês de Produção 184, 185, 187, 193, 194, 195

## **T**

Tecnologia 108, 112, 133, 134, 136, 144, 149, 160, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 178, 202, 235, 238, 285

Teoria Contemporânea 241

Teoria Sociológica 241, 250

Território 9, 10, 11, 13, 37, 55, 56, 60, 63, 66, 71, 81, 101, 128, 213

## **V**

Vigilância em Saúde 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 291

Violência 8, 11, 24, 49, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 65, 68, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 112, 220, 222, 234, 270, 291

Vitalidade Urbana 28, 33, 34, 291

## **W**

Whatsapp 1, 2, 3, 8, 291

# ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020